

A puzzle piece of a human torso, showing the chest and upper abdomen, is positioned on the left side of the slide. The rest of the slide background is a dark blue with faint puzzle pieces.

Aula 2 - Tema: O corpo entre medievais e modernos: conexões e rupturas.

“Uma sociedade só encontra existência nos corpos pulsantes dos seres humanos que a constituem: ela é vísceras, nervos, sentidos, neurônios... A história, desta maneira, não se concretiza apenas em guerras, decretos, tratados (...): materializa-se também em perfumes, sons, miragens, carícias, distâncias, evitações ... Não há outra concretude social: uma sociedade estará nos corpos de seus membros ou não residirá em parte alguma” (José Carlos Rodrigues).

Idade Média e Corpo

- Idade Média: Concentra vários preconceitos
 - Chamada de época das trevas
 - do dogmatismo religioso
 - dos povos bárbaros
- Na verdade, isto só atesta nosso etnocentrismo
- Idéia errônea sobre a reduzida importância do corpo, com maior ênfase a alma.



Idade Média e Corpo

- Na verdade o corpo possuía outro enfoque
- O universo era percebido de modo integrado, não se pensava o corpo como algo separado de outras esferas



As festas medievais e os banquetes

- Para Mikhail Bakhtin as festas eram constantes, carnavalescas e diretamente ligadas a banquetes
- ritualizavam-se os conflitos e dava-se margem às pulsões sexuais, o consumo de bebida era intenso.
- Mais comuns:
 - festas dos tolos
 - de ridicularização do rei
 - celebrações dos solstícios
 - festas de casamento



As festas medievais e os banquetes

- A insolência e a irreverência marcavam o tom das festividades: *“a festividade era simultaneamente todas estas coisas – encontros e desencontros, comemorações e conflitos - , mas sempre matizada por um estilo característico, estilo governado pela alegria e transbordamento”* (Rodrigues, *op.cit.*: 67).




As festas medievais e os banquetes

- A hospitalidade era um traço marcante dos medievais
- Os castelos constituíam uma espécie de *habitat* comunitário.
- Quando Bernardo Rucellai se casou com a filha de Piero de Médice, em 1466, estavam sentados em torno da mesa principal 170 convidados, e mais 500 espalhavam-se pelas outras mesas

As festas medievais e os banquetes

- Para Bakhtin, é comendo que o homem medieval se encontra com o mundo.
- O homem medieval também via o mundo por ela.
- *“O comer e o beber são uma das manifestações mais importantes da vida do corpo grotesco. As características especiais deste corpo são que ele é aberto, inacabado, em interação com o mundo. É no comer que estas particularidades se manifestam da maneira mais tangível e mais concreta: o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, fá-lo entrar dentro de si, enriquece-se e cresce às suas custas”*

- 
- *“comer e beber nessa época ocupavam uma posição muito mais central na vida social do que hoje, quando propiciavam – com freqüência, embora nem sempre – o meio e a introdução às conversas e ao convívio” (Elias, 1990: 74).*



O comportamento à mesa

- Era comum, tanto entre ricos, quanto entre pobres, comer com as mãos ou levar líquidos como sopa diretamente da travessa à boca.
- Não havia garfos, a faca era o talher básico.
- Não havia pratos individuais.
- Os animais eram servidos inteiros na mesa.



O comportamento à mesa

- o conceito que orientava o comportamento social considerado aceitável na Idade Média apareceu em francês como *courtoise*, em inglês como *courtesy* e em italiano como *cortezia*.



O comportamento à mesa


- As orientações de comportamento eram simples e motivadas mais por sensações (como gostar ou não de algo) do que por ditames sociais.
 - *“Não é educado enfiar os dedos nas orelhas ou nos olhos, como fazem algumas pessoas, nem introduzi-los no nariz, quando estiveres comendo. Esses três hábitos são feios.”*
(extraídos de Conenance de table).


Higiene e Imagens Corporais

- O mesmo caráter displicente frente à comida e podia era encontrado também na relação com o banho e outros rituais de higiene.
- Os banhos eram públicos e menos destinados à questões higiênicas do que ao prazer.
- Ocorriam em média a cada quinze dias e eram coletivos.

Higiene e Imagens Corporais

- Os banhos eram coletivos e não havia separação entre os sexos.
- *“As casas na Idade Média não eram locais de enclausuramento, mesmo em seus interiores. Seus cômodos eram poucos, mas de natureza multifuncional. E se a compararmos às casas de hoje, poderemos afirmar com toda tranqüilidade que se destinavam a um número enorme de usuários”* (Idem, *ibidem*: 138).

- 
- O conceito de íntimo não tinha o sentido de coisas a serem preservadas e sim de coisas misturadas: *“Não o sentido de ‘aquilo que se deva esconder’, mas o de ‘nada há a esconder’*. O comportamento gregário não deve ser analisado como “negativo” ou “incivilizado”, eram coerentes com a sociabilidade medieval, calcada mais na liberdade do que no controle rígido

- 
- *“O que faltava nesse mundo courtois, ou no mínimo, não havia sido desenvolvido no mesmo grau, era a parede invisível das emoções que parece hoje se erguer entre um corpo humano e outro, repelindo e separando, a parede que é freqüentemente perceptível à mera aproximação de alguma coisa que esteve em contato com a boca ou as mãos de outras pessoas (...)” (Elias, p. 82).*

Higiene e Imagens Corporais

- As imagens corporais na Idade Média, sintetizadas na obra de Rabelais, representam imagens hiperbólicas: é o chamado corpo grotesco.
- Neste contexto, soltar gases ou referir-se à genitália feminina ou masculina são prática comuns e não despertam sentimentos de pudor.

Higiene e Imagens Corporais

- O corpo que emerge do universo medieval é um corpo eminentemente social, e mais ainda, cósmico e universal.
- Não há entre os medievais separação entre o corpo e o restante do mundo.
- Se o corpo continha tudo, era a morada do cosmos, era também o veículo de comunicação com Deus.

Corpo social, cósmico e universal

- o corpo que emerge do universo medieval é um corpo eminentemente social, e mais ainda, cósmico e universal: *“O corpo individual está totalmente ausente da imagem grotesca vista no seu limite, pois essa é formada de cavidades e excrescências, que constituem o novo começado (...) O grotesco ignora a superfície sem falha que fecha e limita o corpo, fazendo dele um fenômeno isolado e acabado. Também, a imagem grotesca mostra a fisionomia não apenas externa, mas ainda interna do corpo: sangue, entranhas, coração e outros órgãos. Muitas vezes, ainda, as fisionomias interna e externa fundem-se numa única imagem.” (Elias)*



Modernidade e Corpo

“Aos poucos o controle efetuado sobre si através de terceiros vai convertendo-se em autocontrole e vigilância. Deste modo, o eu se transforma em cárcere cada vez mais exíguo. E cada um, em carcereiro sempre mais severo de si mesmo”

(José Carlos Rodrigues)

Modernidade e Corpo

- Datação Histórica
 - Do início do século XVI até o fim do XVIII
 - A partir da onda revolucionária de 1790
 - No século XX
- Componentes unificariam a experiência da modernidade à pós-modernidade.

Modernidade e Corpo

- *“Existe um tipo de experiência de tempo e de espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo. Designarei este conjunto de experiências como modernidade. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.” (Berman, 1994: 15).*



Modernidade e Corpo

- Uma nova sensibilidade a respeito do corpo e da nudez terá início.
- Alcançará sua plenitude no século XXI, quando o corpo será inscrito na nova lógica do culto ao corpo perfeito.
- Passará por um processo de fragmentação
- O corpo, na modernidade, parece se configurar como uma unidade autônoma.

Modernidade e fragmentação

- *“A nova sensibilidade se constitui basicamente em ruptura com os princípios medievais e se define simbolicamente em oposição a estes. No essencial, esta constituição assumiu a forma de um contínuo processo de fragmentação daquele todo amalgamado que a cultura medieval configurava. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que o processo de constituição disto que denominamos modernidade e contemporaneidade se deu antes de tudo pelo aparecimento – nos comportamentos, nos pensamentos e nos sentimentos das pessoas - de esferas mais ou menos autônomas, nas quais se supõem residirem experiências relativamente independentes. Autonomização e fragmentação, ali onde a mentalidade medieval via confluências e superposições” (Rodrigues, 1999: 109).*



Modernidade e Corpo

- O corpo assume uma posição privilegiada de inserção no mundo.
- Sobretudo é espaço de coerção, de controle externo e interno.
- Ocorre uma mudança no tom e no rigor das prescrições.

Mudança do conceito de *courtoise* para *civilité*.

- Um bom começo para se pensar a questão do controle é a mudança do conceito de *courtoise* para o de *civilité*, que aparece na obra de Erasmo de Rotterdam, em 1530, *De civilitate morun pueriliun (da civilidade em crianças)*. Trata-se de um manual de etiqueta pra orientar o comportamento e o decoro corporais de pessoas em sociedade, e embora seja dedicado a um menino nobre, alcançou boa parte da sociedade europeia, como a França, Inglaterra, Portugal, Alemanha, Itália, entre outras.



O controle das pulsões

- Começa a emergir uma crítica à voracidade, ao comer exageradamente.
- Ocorre uma tentativa de aumentar e estender as regras morais e corporais à toda sociedade
- No processo de civilização, o homem moderno poderá diferenciar-se dos que lhe precederam por meio do meio do controle e adestramento de seu corpo.

O corpo contido

- Começa a emergir uma crítica à voracidade, ao comer exageradamente, atitudes comparadas agora à falta de modos atribuídas aos camponeses e aos comportamentos animais:
"A ascensão do conceito de civilidade nas sociedades de corte marca o início da condenação dos excessos corporais valorizados na sociedade tradicional, dentre eles a embriaguez, a comilança, a gordura. Começa a se delinear outro ideal de corpo, contido, refinado, esbelto" (Elias, *op.cit.*: 4)

Verticalizações e separações

- O corpo hiperbólico vai sendo substituído por corpos mais verticalizados, alongados, silenciosos e contidos.
- Aumenta a compulsão em policiar o próprio comportamento.
- O corpo individual será separado do corpo social



Higiene e Imagens Corporais

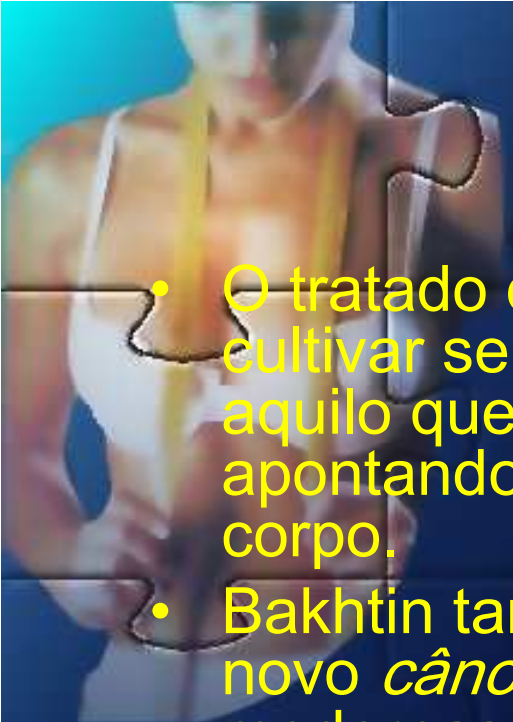
- Há maior controle sobre os hábitos de higiene.
- Os banhos públicos são substituídos pela higiene seca e imbuídos de conotações morais. O banho com água, de imersão, praticamente desaparece.
- algumas peças do vestuário se autonomizam, como as roupas de baixo e a camisola.

Higiene e Imagens Corporais

- A camisola de dormir servirá para esconder este corpo dos olhares dos outros e de si próprio.
- Existe uma nova dimensão para palavra intimidade.
- As mansões terão cabines de banho individuais.

Higiene e Imagens Corporais

- A partir do século XVIII, a ginástica entrará em cena.
- o corpo que desponta no início da modernidade é um corpo trabalhado, domesticado e necessariamente, coberto.
- Um professor de Lisboa, Alfredo Dias, apresenta um programa de ginástica sem aparelhos e que recupera o conceito grego da prática.

- 
- O tratado de Erasmo de Rotterdan tem a função de cultivar sentimentos de vergonha e delicadeza sobre aquilo que entre os medievais seria considerado comum, apontando para novos padrões de relacionamento com o corpo.
 - Bakhtin também comenta esta interdição ao falar do novo *cânon* que regeu a linguagem oficial e literária modernas, ao dizer que estas *“interdizem a menção de tudo que diz respeito à fecundação, à gravidez, ao parto, etc., isto é, de tudo que trata do inacabamento, do despreparo do corpo e da sua vida propriamente íntima. Uma fronteira rigorosa traça-se então entre a linguagem familiar e a linguagem oficial de ‘bom-tom’”(Bakhtin, 1987: 280)*. Os órgãos genitais, o traseiro, o ventre, o nariz e a boca, tão valorizadas entre os medievais, deixam de ter importância para os modernos.

Corpo e Sensibilidades privados

- As mudanças no vestuário indicam algo mais complexo: a necessidade de controle mesmo nas esferas da casa e a nova dimensão que a palavra intimidade passa a ter, com bem mostram Elias e Rodrigues; nas palavras deste último, *“O íntimo passou a adquirir, com os hábitos de vestuário e de limpeza das roupas, um lugar que não possuía. Isto porque a mudança de camisa e de roupas de baixo após a transpiração constitui um gesto de si para si, eminentemente. Constitui um ato privado, derivado de uma sensibilidade privada. Significa uma nova orientação dos sentidos, agora direcionados para dentro. Pressupõe uma vigilância de si. Exige uma atenção reflexiva nova. Por intermédio desta, cada um passa a se policiar a si mesmo”* (Rodrigues, 1999: 164).

Ginástica: semelhança com os gregos

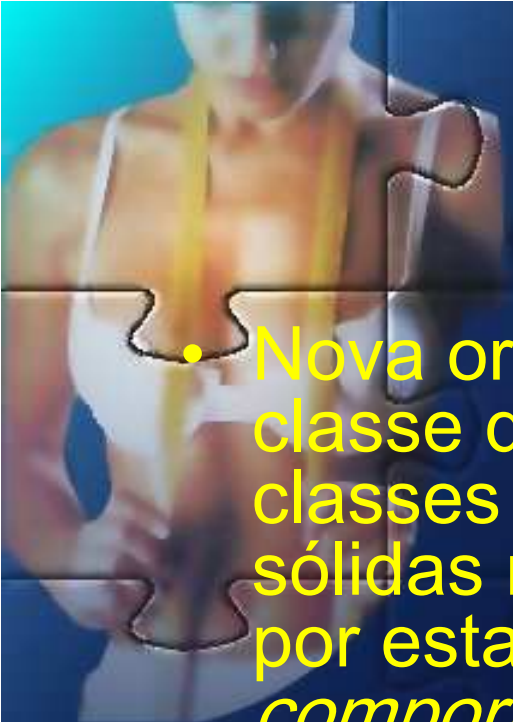
- Ginástica: amalgamada ao controle do ócio e à educação do espírito, visando formar indivíduos dotados de vitalidade corporal e mental, que auxiliassem o Estado na tarefa de empurrar a nação para frente: *“Para além de uma sólida formação moral, baseada no autocontrole e no escrupuloso respeito pelos outros, o que se recomendava também, era um programa de exercícios corporais que pudesse contribuir para o vigor do espírito na perspectiva do ‘mens sana in corpore sano’”* (Crespo, *ibidem*: 498). *“O corpo enredava-se, assim, em múltiplos condicionamentos, submetendo-se a normas cada vez mais racionalizadas, e convertia-se, através das subtilezas do controlo social, em vigilante de si próprio”* Será só a partir do século XX que a ginástica e o esporte se autonomizam e passam a constituir-se como disciplinas à parte

Rupturas e Correspondências entre medievais e modernos

- Havia, portanto, entre os medievais, clareza das normas a serem seguidas, seja na mesa, seja nos banhos públicos, seja na relação com a casa. Havia padrões alimentares e corporais, regras de etiqueta claras. Portanto, o que mudou com relação à modernidade? Ou, em outras palavras, qual a importância e o sentido dados às práticas corporais e no que isto se distingue do culto ao corpo da época moderna?


O tom do discurso

- 1) O tom do discurso, que entre os medievais era menos incisivo e que, progressivamente, vai se tornando mais taxativo a partir que a modernidade avança. Com a modernidade, intensifica-se o convívio social em virtude das transformações urbanas e da aceleração do ritmo de vida. Uma das diferenças entre as prescrições modernas e medievais é que na primeira, as prescrições são menos detalhadas e transmitidas principalmente pela cultura oral; já na segunda, as prescrições, além de mais detalhadas, são também observadas em razão da convivência cotidiana.


- 
- Nova ordem burguesa: formação de uma classe de nobres vindos das mais diversas classes sociais, os velhos laços ancorados em sólidas relações estamentais se esfacelam e, por esta razão, *“a questão do bom comportamento uniforme torna-se cada vez mais candente, especialmente porque a estrutura alterada da nova classe alta expõe cada indivíduo de seus membros, em uma extensão sem precedentes, às pressões dos demais e do controle social”* (Elias, *op. cit.*: 91). É preciso homogeneizar o comportamento de modo a não ofender o grau de consideração esperado dos demais

A importância do corpo

- 2) Ao contrário do que comumente se afirma, o corpo tinha sim grande importância entre os medievais. Boa parte da experiência da vida passava pelo corpo, podendo-se mesmo dizer que o mundo medieval era, de certa maneira, corporificado. Mas o sentido dado ao corpo, comparado com o que se dá na época moderna, é diferente. Na Idade Média, observamos uma maior liberdade corporal, tanto no tocante às suas manifestações (escarro, flatulências) quanto à sua forma;



• *“o corpo medieval era totalmente diferente daquele que surgirá no ambiente aristocrático-capitalista. Era um corpo de orifícios dotados de liberdade, de expressão, de aberturas que falam, que podem usar da sinceridade . Era o corpo do ânus que expele gases, do nariz que escorre. Não era um corpo contido pela musculatura. Nada desta couraça muscular que oprime os orifícios para que não se manifestem em público, para que se retenham, para que se escondam. Nada de uma rigidez que separa o interior corporal do exterior, que desenha os limites do corpo, restringindo-os à sua corporalidade individual .O corpo medieval nada tinha a ver com aquele que pensamos conhecer e que abriga a nossa sensibilidade. Não se tratava do corpo singularizado e individualizado do burguês. Não era um corpo circunscrito em si. Não era um corpo contido. Não era um corpo visível apenas do exterior e que mostrasse apenas uma superfície, uma fachada lisa e quase sem fendas” (Rodrigues, 1999: 85).*

- 
- Era também um corpo “não-malhado”, ou pelo menos, não da forma como conhecemos hoje. As atividades no campo ou mesmo na cidade trabalhavam o corpo, mas não tinham por função deixá-lo rígido. O corpo era ponte de relação com o mundo, mas não o próprio fim.

Unidade X Fragmentação

- 3) Na modernidade, corpo e alma ainda não haviam se fragmentado, como ocorrerá na modernidade;
- Quando falamos da Idade Média devemos ter em vista que a cosmovisão medieval postulava uma integridade absoluta do universo. Macrocosmos e microcosmos se fundiam, se indiferenciavam e não se contrapunham. Para o homem Medieval “*o mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo em suas astes os segredos que eram úteis ao homem*” (Foucault, 1968: 64, *apud* Rodrigues, 1999).

Corpo e Alma


- Espírito e matéria não se opunham, não sendo possível falar, entre os medievais, de uma separação entre corpo e alma, como muitas vezes falamos na contemporaneidade.
- Questionamentos Comuns: o culto ao corpo da contemporaneidade está ou não desvinculado de questões filosóficas e como isto se processava no passado? O corpo tinha grande importância entre os medievais ou se estes apenas se preocupavam com questões religiosas, como a salvação da alma?




- Rodrigues afirma que a corporalidade medieval era valorizada em si, até porque continha o que hoje chamamos de espiritual: *“o simbolismo corporal tinha lugar crucial nos padrões medievais de pensamento e sentimento (...) o corpo medieval não era um mero revelador da alma: era o lugar simbólico em que se constituía a própria condição humana (...) no mundo medieval, espírito e matéria, corpo e alma não se separavam. Nada era verdadeiramente espírito, nada era verdadeiramente matéria (idem: 56, 60).*
- Já com a modernidade um processo de fragmentação foi se impondo e separando universos (como corpo e alma) que antes apareciam mesclados.

Corpo Individual X Social

- 4) Na Idade Média, além de não haver uma separação entre corpo e alma, também não havia entre corpo individual e corpo social
- Como vimos com Bakhtin, o corpo individual era ausente na cultura medieval, o indivíduo se dissolvia no corpo social, cósmico e universal (Bakhtin, 1987). Tudo que se relaciona com o corpo era público: o comer, o dormir, o banhar-se. Os contatos interpessoais caracterizavam-se por abraços freqüentes, por contatos físicos, banhos públicos. Até as atividades excretoras eram feitas em público e as partes baixas do corpo, hoje policiadas até no discurso, eram nomeadas sem rodeios e valorizadas, já que eram verdadeiras portas abertas para o mundo. Como as fronteiras entre corpo individual e social não estavam estabelecidas, a relação com a vergonha e a nudez não se coloca à luz da sensibilidade moderna.

- 
- Elias analisa algumas gravuras medievais produzidas entre 1475 e 1480 e organizadas no livro “Mittelalterliches Hausbunch” (livro de Imagens da Idade Média) imagens cotidianas, que mostram um padrão de vergonha diferente do nosso, retratos *“de uma sociedade na qual as pessoas davam vazão aos impulsos e sentimentos de forma incomparavelmente mais rápida, mais fácil, espontânea e aberta do que hoje, na qual as emoções eram menos controladas e, em consequência, menos reguladas e passíveis de oscilar entre extremos (...) É claro que havia controle, restrições, mas estes se faziam em uma direção diferente e em grau menor que em períodos posteriores, e não assumiam a forma de autocontrole constante, quase automático”* (Elias, 1990: 210).

- 
- Já na Idade moderna, o corpo se singulariza e se distancia do mundo, tornando-se cada vez mais privado. O corpo se individualiza e, ao mesmo tempo, individualiza a pessoa que o porta. Ele já não reflete mais o cosmos e sim o seu dono, que é a pessoa. Ele se basta em si mesmo e pleiteia cuidados em seu próprio benefício. Em última instância, não nos exercitamos nem mesmo para nós e sim para o nosso corpo, para que ele ateste seu próprio triunfo.

O Corpo na historia

- Regras sociais menos taxativas
- Corpo hiperbólico
- O corpo e a comida eram pontes de relação com o mundo, mas não o próprio fim
- Corpo e alma ainda não haviam se fragmentado
- Não havia separação entre corpo **individual** e corpo **social** .

- Regras sociais mais taxativas disciplinam e escondem o corpo
- A hiperbolização é excluída, o corpo é verticalizado.
- Práticas alimentares e exercícios visam, principalmente a saúde física e mental (higienismo).
- Começa processo de fragmentação separando corpo e alma, corpo individual e social.

- Corpo magro e malhado
- Centro das atenções, com práticas alimentares e exercícios que visam, o próprio corpo. Ênfase na estética.
- O corpo é tido como moldável e mecanismos como corpetes e espartilhos não são mais aceitos.
- Responsabilidade individual pelo corpo.
- Tudo que reflete o inacabamento do corpo é banido para a vida privada.
- Regras sociais impostas pela mídia expõem o corpo e o espetacularizam (hedonismo).

Idade Média

Idade Moderna

Idade Contemporânea



Corpo e identidade

Mirela Berger, 2007.

(DCSO/UFES)